

## Magistério do papa Francisco: *Evangelii Gaudium*

### Lição 4

#### Tentações e desafios em nossa Igreja

Depois de Francisco examinar o foco dos problemas de nosso mundo – a economia de mercado e o dinheiro que aprisionam a política e transformam a cultura e até a religião em consumismo – ele nos convida a olharmos para dentro da Igreja e examinarmos o quanto somos não só afetados de fora mas também desafiados a uma nova conversão em nosso interior. O papa tem consciência da generosidade missionária de agentes de pastoral que dão sua vida mundo afora, mas quer ajudar toda a Igreja a dar mais passos neste caminho.

Em primeiro lugar, analisa a acomodação à cultura do *individualismo*, acompanhada de uma “crise de identidade e um declínio do fervor” (EG 78). O relativismo cultural e religioso, sob o fenômeno do pluralismo atual, que se difunde na mídia, intimida e acaba por instalar uma crise de fé, mesmo que se continue burocraticamente cumprindo tarefas. E entram as compensações individualistas, acompanhadas de momentos de desânimo e até de perda de generosidade e entusiasmo na gratuidade pastoral, nos diferentes serviços que a Igreja necessita para evangelizar. Com suas já famosas metáforas, ele aponta para o risco de “psicologia do túmulo” e da transformação de cristãos em “múmias de museu”(cf. EG 83). Finalmente, há o risco de baixar uma cortina de pessimismo que, na célebre intervenção de João XXIII, ao abrir o Concílio Vaticano II, ele chamou de “profetas de desgraça” que só enxergam ruínas. Francisco diz “não” a tudo isso, citando Paulo: “Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza”(2Cor 12,9).

Em segundo lugar, há o risco da dispersão cotidiana que aprisiona no que o papa chamou de “imanentismo” antropológico, que ressucita hoje o pelagianismo – a salvação com as próprias forças – e também o gnosticismo – solucionar os problemas com os próprios raciocínios. A outra autocrítica no documento e em muitas falas do papa é a de “mundanismo espiritual”. Sob estas expressões ele entende diversas coisas: a superficialidade, o isolamento, a falta de cultivo de relações estáveis e profundas e de vínculos pessoais seja com Deus na mística e na contemplação, seja com os outros na sinceridade. Há inúmeras fugas possíveis. A mais paradoxal é a de fugir para dentro de um “falso sagrado” – justamente o mundanismo espiritual. É onde as aparências de pompas litúrgicas e eclesiais, de discursos e muitas atividades com formalidade espiritual, na verdade, são a busca de reconhecimento, de autoafirmação, de valorização de si mesmo, ou seja, em termos bíblicos, a busca da glória uns dos outros, uma forma de “narcisismo” espiritual que se serve da vida da

Igreja. A isso o papa junta o neopelagianismo que Bento XVI tinha mostrado, em muitas ocasiões, como um fato da modernidade em busca de salvação através do esforço próprio da ciência, da tecnologia, do empreendedorismo. Francisco examina esse fenômeno não somente lá fora na cultura e no modo de vida moderna, mas na vida da Igreja e seus agentes.

Subentendido aqui está o “clericalismo”, ao qual o papa voltou uma porção de vezes em suas falas espontâneas, inclusive dando-lhe o epíteto de “peste”, portanto algo contagioso. Então convém esclarecer em síntese o que é mesmo “clericalismo”. Afinal, uma comunidade eclesial precisa de ministérios, inclusive, é claro, de ministérios ordenados, como o próprio papa. Clericalismo é outra coisa, e pode afetar como peste também a leigos “clericais”, inclusive nos bate-bocas por redes sociais. *Clericalismo* é crer e portar-se como mediação privilegiada e até única para a salvação, para a pertença à Igreja e para o contato com Deus. “Clero” provém de “escolhido”, “porção escolhida”. Passar de eleito a elite, e de elite sagrada a único poder sacro, absorvendo toda mediação e todo poder religioso, isso é peste histórica na Igreja, com consequências devastadoras: infantilismo da grande maioria, abuso de poder, etc.

Esta parte termina com um convite: vamos buscar a cooperação, a solidariedade, a estima e a alegria de estarmos juntos como Povo de Deus. A sociedade necessita de um testemunho comunitário. Portanto não vamos fazer guerra entre nós, mas comunhão. Considerando as possibilidades de comunicação de nosso tempo, o papa formula uma verdadeira pérola literária para entusiasmar na descoberta e na transmissão da “mística de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode se transformar numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada” (EG 87).

**Questão:** Para além dessas “doenças” (imanentismo, neopelagianismo, neognosticismo, mundanismo espiritual, clericalismo...) e os remédios eclesiais correspondentes, segundo sua experiência caberia mais algum no diagnóstico e nos remédios aqui traçados?